

Sugestão de leitura:

IDENTIDADE E ESPIRITUALIDADE DO PADRE DIOCESANO

Dom Aloísio Lorscheider
Editora Vozes

“O Padre diocesano tem uma vocação e missão especiais, unidas por uma espiritualidade particular, vivificadas por um carisma. O Padre diocesano não tem necessidade de buscar a sua perfeição e identidade em outras fontes. Por vocação, ele está incardinado em uma Diocese ou Igreja particular. A sua missão é, nesta Diocese ou Igreja particular, dentro do Presbitério da Diocese ou Igreja particular, consagrar-se a ela, estar a serviço dela, doar-se totalmente, em generosa união e colaboração com o seu Bispo e Presbitério, para que o Reino de Deus, ali e agora, se torne uma bela realidade” (trecho do livro).

Resumo: Muito mais que uma ideologia, a espiritualidade perpassa todas as dimensões da vida, da ciência, da política, da economia, da cultura e, inclusive, da religião. Diferentemente do que se ouve falar, na espiritualidade as pessoas não absorvem passivamente as formas simbólicas, mas ativa e criativamente. Neste artigo, a espiritualidade é vista como algo fundamental à cultura popular, preñe de uma riqueza de ritos, símbolos, artes, sabedoria e teologia. Há na espiritualidade do povo latino-americano uma fé profunda, capaz de responder a certas necessidades mais imediatas e do seu cotidiano, chegando inclusive a tornar-se um meio pelo qual esse povo se sente capaz de resistir até à morte, em nome de Deus, às violências e maus-tratos advindos das forças adversas, da opressão e da violência. É essa espiritualidade que o torna capaz de acreditar em outro mundo possível. Por meio da espiritualidade, há todo um empenho dos “sem poder”, dos “sem-terra” e dos “sem-direitos” em explicar, justificar e, de algum modo, controlar uma realidade social violenta, que parece perigosa demais para ser enfrentada por outros meios além do simbólico.

Abstract: Spirituality transcends ideology because it penetrates all dimensions of life, science, politics, economy, culture, and religion. Quite different from the common use in current language where people are engaged in handling passively symbolic forms, spirituality is a field where they use actively and creatively these symbolic forms. In this article are dealt with those aspects of spirituality where rituals, symbols, arts, wisdom, and theology are fundamental elements as modes of expressions in daily life and are powerful means to resist all sorts of threats, oppressions, and violence. Those who rely on the faith of God use their spirituality for guidance and divine inspiration in order to resist aggression, specially when exposed to dangers in situations where minorities are trampled upon as for instance groups of people deprived of power, property, and human rights.

Espiritualidade e Fé na cultura popular Latino Americana

Gilberto Tomazi¹

¹ O Autor, Presbítero da diocese de Caçador, é Mestre em Ciências da Religião, especialista em Ensino Religioso e Professor no ITESC.



Introdução

Sexta feira santa é sempre um dia muito especial. É o dia em que o silêncio de Deus faz eco na alma do povo. Na última sexta feira santa eu me encontrava na cidade de Porto União, palco de algumas batalhas do Contestado, e aproveitei para visitar um monumento, uma gruta e uma fonte de água de “São” João Maria que se encontram a certa altura do morro da cruz daquela cidade. Em aproximadamente quinze minutos que estivemos lá, eu e o amigo Fábio Farias, seminarista de Teologia e de família daquela cidade, pudemos verificar que naquele curto espaço de tempo cerca de vinte pessoas foram até o local. Entre outras coisas, observamos duas mulheres, tendo nas mãos um pequeno livro que parecia muito antigo, rezavam (creio que também pediam alguma graça) com uma fé ou devoção que nos causava espanto. Vimos também outra mulher e duas crianças que se aproximaram da água que corria através de um pequeno canaleta e lá banharam a cabeça e o rosto. A menina também passou água por três vezes num dos olhos, vermelho e inflamado. Ouvimos a mulher dizer a uma amiga que, ao molhar a cabeça, a dor passava: era uma dor que a acompanhava havia muito tempo mas sempre que essa dor voltava ela se dirigia ao poço para molhar a cabeça e se sentia curada por uns tempos.

Estes fatos poderiam parecer sem sentido para alguns, porém é visível que para aquelas pessoas essa experiência de fé é cheia de um valor imenso. Noutra ocasião, quando eu fazia uma pesquisa sobre a mística do Contestado, alguém me informou que havia um senhor de idade chamado Arnaldo Ferraz, do interior de Timbó Grande, que sabia muita coisa sobre o profeta João Maria e também sobre o Contestado. Ao chegar à sua casa e manifestar meu interesse, esse homem logo me disse: “Outro dia veio um advogado lá de Canoinhas aqui me perguntar sobre isso, e eu vi que o interesse dele era ganhar dinheiro... Então já fui dizendo que não tinha nada para contar. Quanto ao senhor vejo que é diferente, então vou lhe contar o que eu sei.” Foram pelo menos duas horas me contando causos, um mais interessante que o outro. Quanto perguntei se sabia alguma oração de “São” João Maria ele me disse que sabia várias, e em seguida ficou em silêncio. Então falou: “Eu fui um piá infruído, onde tinha esses velhinhos perto de casa, eu desde pequeno ia lá puxar água ou uma lenha pra eles e logo eles começavam a me contar histórias e eu aprendi muito: histórias, orações...” Ele disse que sabia uma oração que aprendera fazia mais de 40 anos. Era uma oração



que conseguira com um desses velhinhos que conversavam com João Maria e ensinavam as orações dele. Disse-me ainda que levou um ano para decorá-la (pois é uma oração bastante grande) e que a reza todos os dias para não esquecer. Então com muita devoção ele rezou... Fatos marcantes como esses fazem pensar sobre o valor da espiritualidade do povo. Outrora as “coisas do povo” eram vistas como irracionais, envoltas por uma mística nebulosa, fundadas na magia ou em superstições. Fato é que as ciências acabam mudando, revendo suas crenças e o povo acaba reafirmando as suas.

Mas, antes de mais nada quero explicar que fui motivado a fazer este artigo durante uma aula sobre cultura popular. Ao pensar sobre como fazer tal artigo procurei antes entender o que é “fazer um artigo”? Então lembrei de meu pai, Florentino. Lembrei que quando eu era criança, meu pai, muitas vezes falava sobre “artigos”, relacionando-os a coisas diversas como bens de uso, de consumo e mesmo obras de arte. Ele dizia: “este é um artigo de luxo!” Ou “aquele artigo é de péssima qualidade!” E tinha artigos que não dava para “qualificar” sem antes ver de perto ou experimentar. Quando a vizinhança se reunia, a cuia de chimarrão ia passando e de repente a gente via também, passando de mão em mão, um “artigo” novo ou antigo, como uma pedra trabalhada por indígenas encontrada no mato, ou uma ferramenta nova, uma enciclopédia recém adquirida ou uma fruta ou produtos de cultivo antes nunca vistos. Era para que cada pessoa olhasse, tocasse ou cheirasse, para então dar o seu parecer. Nem sempre os comentários eram concordes, mas normalmente chegava-se a certos consensos em relação ao “artigo”. Então fui compreendendo que “artigos” eram coisas que as pessoas produziam, moldavam, modificavam, aperfeiçoavam ou estragavam. Eram coisas que, com o tempo, podiam se tornar peças de museu ou símbolos colocados em um local de destaque na casa, pois davam sentido à vida, despertavam curiosidade e interesse, manifestavam desejos e serviam até para ajudar a resolver problemas e amenizar sofrimentos.

Sendo assim, poderíamos também pensar que “artigos” podem ser também as vidas que nos cercam e que vão moldando a nossa vida. Essas vidas não são apenas símbolos, mas são corpos-alma-espírito plenos de cicatrizes, amores e dores, sofrimentos, memórias e sonhos. Essas vidas passam a fazer parte de nossa vida e, ao entrarem, nos pedem uma dose de confiança e ao permanecerem recebem significados e se transformam em experiências, sabedoria, desejos e responsabilidades. Então podemos dizer também que de alguma forma também nós somos sujeitos da vida,



co-criadores da Criação, mas também somos “artigos” que resultam dos encontros e desencontros de muitas vidas.

Artigos, vidas, culturas e fé são irmãos inseparáveis. Nenhum acontece sem o outro. São interdependentes, estão interligados como os nós de uma rede e formam um sistema de vida, de diálogo, cooperação e sabedoria. Sem fé nada se cria e a vida tende a desaparecer. Cultura significa “cuidar”, “refinar”, “algo que mudou de forma e sentido”, “o meio habitado e transformado”, e ainda “algo que habita dentro do ser humano e é por ele trabalhado, lavrado”. A fé faz parte do nosso mundo, do mundo da nossa vida, do mundo humano, do mundo que sonhamos, transformamos e criamos. A diferença entre mundo, cultura, vida e artigo parece ser mais de “tamanho” do que de “qualidade”. Tanto o mundo que imaginamos a partir da nossa fé e que construímos culturalmente, quanto aquele que nos constrói, são para nós herança de muitas vidas que nos antecederam na história e são também, para nós, esperança dos que ainda não nasceram, das futuras gerações que esperam receber de volta, melhorado, o mundo que nos emprestaram. E este mundo que teremos que devolver aos que ainda não nasceram passa pelas nossas mãos, pelas pequenas coisas que fazemos, sentimos, vivenciamos e acreditamos.

Normalmente quando começamos a estudar História Geral nas escolas, logo aprendemos que nos primeiros tempos da história humana éramos “resultado” da natureza ou da vontade divina. A natureza ou o mundo era para nós basicamente objeto de medo, alegria, sofrimento e contemplação. Aos poucos fomos aprendendo a aprender, fomos aprendendo a pensar sobre o que fazíamos. Então começamos a “construir” o nosso próprio mundo, aprendemos a nos servir de utensílios que nos auxiliassem e facilitassem a nossa vida e com isso “sobrava-nos” tempo inclusive para pintar “telas” em lugares especiais, no fundo de nossas cavernas. Então aprendemos que “não só de pão vive o homem”. Começamos a sentir prazer em representar “nas telas” nossos sonhos, desejos, sofrimentos, dores e amores. E é através desses pequenos acontecimentos, que a historiografia oficial frequentemente desconhece ou deturpa, que a cultura popular vai fazendo história, vai descobrindo sua verdadeira vocação e vai se deixando espiritualizar mediante o Espírito de Deus que se revela e se transforma em fé e vida do povo. Aos poucos a escola foi desprezando ou deixando isso de lado e passou a falar de números, de teorias e dos grandes feitos humanos que marcaram as etapas, períodos ou grandes mudanças históricas. Eram os conhecimentos científicos, provados e comprovados! Nem tudo cabia na ciência, era preciso sele-



cionar, escolher e excluir. Foi incluído aquilo que era tido como racional, grandioso, marcante, revolucionário, escandaloso, destruidor. O cotidiano e a vida simples das pessoas que vivem no campo ou nas periferias das cidades foram esquecidos nesse mundo científico, da oficialidade e da erudição. Entretanto, o mundo do cotidiano, dos simples, não se incomoda com isso. Não tem grande necessidade de reconhecimento nem de aparecer na mídia. Prefere agarrar-se humildemente, mas com todas as forças, numa espiritualidade, numa “mística-que-faz-viver” e com isso vai salvando vidas, construindo comunidades, abrindo caminhos e redes de libertação, tecendo teias de um “outro mundo possível”, fazendo a história, guardando a memória e mantendo viva a chama da esperança.

Então me pus a pensar sobre a visão do profeta que não pode ver a presença de Deus no trovão, no terremoto e no vento forte que sacudiam a terra, mas sim na brisa mansa. O próprio Jesus, que sequer teve um lugar decente para nascer, que viveu como pobre e entre os pobres e humildes, que morreu desprezado numa cruz e sozinho, assim mesmo, marcou tão profundamente a história da humanidade. O seu grito mudo se repete, especialmente na sexta feira santa, e ecoa fundo na alma do povo que se identifica com Ele no sofrimento, muito mais do que com ele na glória da ressurreição. Também me lembro da Mãe Aparecida que, neste ano, acolhe a V Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe. Ela foi encontrada dentro de um rio, por pobres pescadores, numa imagem simples, quebrada e com rosto de mulher negra, mas que questionou todo o regime de escravidão em que se encontrava o Brasil e continua hoje a questionar, mesmo que alguns não queiram, todo o tipo de discriminação, racismo e exploração. E a Virgem de Guadalupe que, no México, conversou com um índio chamado Juan Diego e este fato continua sendo uma referência, uma marca e um sinal pleno de significado para a vida dos latino-americanos. Chegou-se até a pensar que aquela aparição pudesse ter sido uma manifestação do Espírito Santo ou do próprio Deus Pai (neste caso Deus Mãe), com rosto feminino, indígena, simples, bondoso, acolhedor, solidário. Como alguém que se mostra participante do sofrimento de seus filhos e filhas, que se identifica com os derrotados, animando-os na sua fé e fortalecendo-os na esperança de um amanhã melhor.

Maria de Guadalupe sempre foi percebida pelo povo como mãe amorosa, sempre compassiva, acolhedora, protetora, identificada com seus filhos, especialmente com os mais fracos e necessitados. Ela obtém justiça para os oprimidos e defende sua causa. O Cristo crucificado e



Maria são dois símbolos centrais e persuasivos no catolicismo popular latino. Presentes em todas as comunidades católicas, eles nos fornecem um elo de união religiosa em meio à diversidade latina. Estas duas devoções são capazes de comunicar elementos verdadeiros da Tradição cristã e, por serem tão essenciais ao catolicismo latino, essas devoções podem ser chamadas de portadoras do *Sensus Fidei*.² O Senhor crucificado é pintado ou esculpido para parecer estar em terrível agonia. É um ser humano torturado e padecente. Essas imagens evocam sentimentos de solidariedade e compaixão.

Assim, já não podemos mais pensar a cultura popular deixando de lado a religiosidade popular, a espiritualidade, a fé do povo. A Teologia da Libertação tem dado passos significativos na compreensão da cultura e da religiosidade popular. E um fundamento sócio-antropológico desse grande movimento religioso e místico foi oferecido por Antônio Gramsci quando disse que,

*“Nas manifestações da vida social e espiritual do homem comum há uma riqueza de ver, de pensar e de dizer, que nem a ciência e nem a política ainda exploraram devidamente. Com isso, podemos sair de um discurso sobre o povo, sobre a cultura do povo, para um trabalho concreto de reconhecimento do que é efetivamente o modo de viver ou ser do povo.”*³

1. Cultura e catolicismo popular na modernidade

Os revolucionários têm fé em seu povo, esperam a esperança, amam.
(E. Bloch)

Para aprofundar a questão do valor da cultura e da religiosidade popular, é preciso lembrar que o pensamento marxista “pré-gramsciano” e o próprio pensamento de Gramsci sobre a cultura e a religiosidade popular não conseguiu romper com os dogmas do materialismo e do economicismo tradicional, onde as coisas estavam bem definidas: havia a classe dominante que, de forma autoritária, impunha a sua cultura, a

2 “Sensus Fidei” ou “Sensus Fidelium” são expressões latinas, que designam “a fé do povo” ou “o senso da fé” ou ainda “o senso dos fiéis”.

3 Frase citada por Octavio Ianni, In. VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José J. (orgs) *A cultura do povo* (1979) SP, Cortez & Moraes: EDUC. Coleção do Instituto de Estudos Especiais, PUCSP; n.1. (p. 136)



cultura burguesa, elitista, erudita, ilustrada, avançada e científica. Era a cultura dos “cultos”, e a sua cultura era a “única”. Nesse espaço habitavam o intelectual burguês e o intelectual orgânico. O primeiro era o que reproduzia a cultura dominante, dando-lhe sustentação e legitimidade; e o segundo era uma espécie de “convertido” à causa da classe trabalhadora e responsável pelo seu processo de organização e “pensamento estratégico”, enquanto classe que deveria fazer a revolução. Antes do povo se deixar “formatar” pelos intelectuais orgânicos “no processo de formação, enquanto classe”, este povo era simplesmente denominado de massa: povo disperso, dominado, alienado, manipulado, incapaz, conservador, ignorante... Não sendo culto, também não tinha cultura, mas o que tinha era uma espécie de capacidade de apropriação, interiorização e reprodução da cultura e da ideologia dominantes. E essa experiência de receptor passivo da cultura dominante foi denominada de “cultura popular”.

Para as elites intelectuais da época, essa cultura popular “permitida” devia também ser controlada, pois corria o risco de se tornar heterogênea e sair dos limites da conformidade com a cultura “universal” e “homogênea”. Diversos pesquisadores eram enviados “em missão” junto aos povos denominados por eles de “primitivos” e também junto aos povos atrasados ou em desenvolvimento e, ao estudarem a cultura e a religião desses povos, assustavam-se com os aspectos de barbárie neles existentes ou fascinavam-se com as coisas exóticas que aí encontravam. O máximo que conseguiam ver nessas culturas era um grande leque de superstições e misticismo, de crenças absurdas e infantis, de símbolos, ritos e danças exóticas ou esquisitas, que mais se pareciam com estados alterados da consciência ou esquizofrenias. Mas, era preciso saber o que se passava nesse “outro” mundo...

Um exemplo: Quando se pensa a cultura diretamente a partir do conceito de classes “burguesia X classe subalterna” ou a partir da lógica do poder “dominantes X dominados”, normalmente o que recebe maior espaço nos textos ou livros é a classe dominante/burguesa, mesmo que para ser criticada. “Falem mal, mas falem de mim!” O problema é que desmontar ou desconstruir o pensamento dominante de uma época não significa necessariamente elevar os dominados ou emancipá-los. Ao contrário, significa reconhecer que diante do poderoso poder dominante, aos dominados resta somente gritar e serem dominados. Ao fazer a crítica do poder elitista e burguês, não se estaria “dando as cartas” para ele jogar? Uma análise do discurso de Lula, durante as quatro eleições a



presidente de que participou, poderá nos ajudar a compreender esta tese. Ele conseguiu uma espécie de consenso e aprovação nos votos quando, em 2002, o seu discurso deixou de lado o tradicional carro-chefe da luta de classes, no sentido da crítica ao poder estabelecido, e procurou apresentar a riqueza e o potencial da nação brasileira e, é claro, com destaque especial à sabedoria e à esperança, assim como à capacidade de luta e de organização presentes na cultura popular.

Quanto à compreensão do catolicismo popular, como parte da cultura popular, esta fase “pré-gramsciana” não conseguia tirar conclusões muito diferentes das que o pensamento eclesiástico “oficial” tinha: o catolicismo popular é formado por “uma fé e uma reflexão incapaz de captar e compreender a fé, a teologia e a tradição verdadeiras”. Talvez por ignorância, os membros do catolicismo popular, sequer conseguem pertencer devidamente a uma Igreja ou a uma religião. Vivem numa espécie de sincretismo onde acabam aceitando aspectos de várias matrizes religiosas sem discernimento. Sendo assim, esse catolicismo popular estaria fadado ao desaparecimento. Ele não resistiria ao mundo contemporâneo em seu processo de secularização e racionalização. Com o avanço da ciência e da sociedade “perfeita”, não haveria espaço para as religiões e menos ainda para a religião popular. Por um lado, com o avanço da ciência e da técnica e, com estas, a evolução do pensamento e do progresso da humanidade, todas as velhas e ultrapassadas tradições, mitos e fantasias ficariam na órbita do esquecimento, tornar-se-iam peças de museu. Esse mesmo objetivo seria alcançado com a transformação do senso comum em consciência crítica e do próprio povo em classe social ou classe trabalhadora. Para que esta classe alcance o seu destino, que é a revolução ou a sociedade perfeita, ela deve começar por combater tudo o que a leva à alienação e a oprime, tudo o que impede a transformação social: então, deve começar por combater as instituições religiosas, o estado burguês e todos os demais meios de manipulação e dominação burgueses. Em 1968, Enrique Dussel assim interpretava ou sintetizava o pensamento da época sobre o catolicismo popular:

“O catolicismo popular é reflexo fiel de nossa cultura. É a expressão de uma cultura em evolução. Trata-se de um residual de um mundo pagão, de uma cristandade que desaparece ante nossos olhos. (...) O catolicismo popular é o fruto de uma consciência ainda infantil e ingênua. Não se pode permitir que ele cresça. É necessário conduzi-lo a formas mais



humanas, superiores, seja na cidade secular, seja numa comunidade cristã adulta, consciente.”⁴

2. Novas perspectivas de compreensão da cultura popular

Especialmente a partir do final da década de 80 pp., quando esta perspectiva teórica, acima citada, entrou em crise, aos poucos foram surgindo novas formas de pensar o presente, de interpretar a história, de apresentar os mitos e utopias. Assim sendo, também o catolicismo, a religião e a cultura populares foram recebendo novas abordagens ou pelo menos novas significações e considerações, não percebidas nas abordagens anteriores. Assim os conceitos de fragmentariedade e de ambiguidade da cultura popular foram ganhando espaço e recebendo crescentes considerações de positividade. Penso que Wanderley sintetiza bem esta perspectiva, com um apontamento sobre a educação popular.

“As experiências significativas de educação popular na América Latina e no Brasil comprovaram que o povo sabe acumular historicamente, tem sua sabedoria, suas formas de expressão próprias, sua lógica do mundo cotidiano, sua simbologia e sua linguagem. O surgimento da consciência crítica parte desse saber popular e a vivência da opressão concreta é um dos condicionantes fundamentais a partir do qual a consciência se forja, permitindo com o tempo vencer as ambiguidades, perceber as contradições que existem na realidade e desvendar as determinações reais.”⁵

A antropologia praticada por Geertz tem indicado novas reflexões e pistas. Ele prioriza a questão da cultura como um contexto especial no qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, instituições e processos podem ser vistos “com densidade”. Para Geertz, na base da conflitividade política está a conflitividade cultural. Ao estudar a cultura ele prioriza a dimensão simbólica e, rejeitando o etnocentrismo, discute estes grandes temas a partir do “outro”. Propõe que o conhecimento da religião não seja um olhar “de fora” mas um olhar a partir de dentro da própria perspectiva religiosa.

4 DUSSEL, Enrique. *Oito ensaios sobre a cultura Latino-Americana e libertação*. (1997) Paulinas SP.

5 In. VALLE, Op. Cit. ps. 74s.



“Falar de “perspectiva religiosa” é, por definição, falar de uma perspectiva entre outras. Uma perspectiva é um modo de ver, no sentido mais amplo de “ver” como significando “discernir”, “apreender”, “compreender”, “entender”. É uma forma particular de olhar a vida, uma maneira particular de construir o mundo, como quando falamos de uma perspectiva histórica, uma perspectiva científica, uma perspectiva estética (...).”⁶

Alba Zaluar, após anos de convivência, estudos e experiências junto às periferias urbanas, mais propriamente junto à Cidade de Deus, na periferia do Rio de Janeiro, encontrou no senso comum um grande dinamismo: instável, propenso à mudança, algo que não é meramente receptivo e não está cristalizado. Percebeu que é na própria fragmentariedade que está a força da resistência popular. Também percebeu que *“a ideologia dominante não é homogênea e não consegue se impor de maneira absoluta. Para que uma idéia se efetive no meio popular ela precisa passar por intensas negociações e conflitos”*. Alba entende a cultura como *“estrutura de significado socializada pela qual as pessoas dão forma à sua existência cotidiana”*. Alba, ao observar o “pensamento” religioso-popular, junto à Cidade de Deus (RJ), concluiu que

“o desembaraço com que misturavam diferentes tradições religiosas, sem o menor cuidado com a ortodoxia tão cara aos puristas, seja do camdomblé, seja do catolicismo, a fim de comporem a sua visão de mundo, só pode ser comparado com a facilidade com que lançavam mão de inúmeras instâncias de mediação entre eles e o resto da sociedade na defesa de sua capacidade de sobreviver. Difícil, portanto, reduzir esse pensar a um sistema preestabelecido e fixo de conteúdos culturais explicados em uma instância pela sua posição subalterna ou dominada no processo de produção, ou como prisioneiros de uma prática vista na tradição estruturalista como mera execução de um código subjacente.”⁷

Ampliando ainda mais esta compreensão, Ênio Brito⁸ diz que “não basta olhar com simpatia para a cultura popular ou denunciar a sua lenta destruição pelo processo de modernização e globalização”. É preciso uma compreensão mais abrangente da mesma, pois, “mesmo

6 GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas* (1989) LTC - RJ. p. 126.

7 ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta* (1985) Brasiliense, SP. p. 29.

8 BRITO, Ênio J. da Costa. *Cultura popular. memória e perspectiva*. Art. publicado pela revista Três Ds - Dogma, direito, diálogo – Espaços (1996 – 4/2) do Instituto Teológico de São Paulo – ITESP. (ps. 153-163).



com todos os estudos feitos, ainda conhecemos muito pouco a cultura popular”. Segundo ele, “A cultura popular, na sua fragmentariedade e dinamismo interno, possui uma força vital capaz de resistir e sobreviver às ameaças impostas pelo processo de modernização e globalização.” No entanto, por estar ameaçado, “o futuro da cultura popular depende de uma responsabilidade ampla: individual, coletiva e institucional,” capaz de “superar a compreensão evolucionista e também a romântica sobre a cultura popular, pois ambas são reducionistas. A primeira, por propor o seu entendimento em termos de “residual” ou “atrasada”; e a segunda, por exaltá-la como espontaneamente libertadora.” Ele diz ainda que, “diante do atual processo de violência cultural que lança a cultura popular para a lógica do mercado ou do consumismo, não basta falar de autonomia e autodeterminação. Faz-se necessário que a academia estabeleça alianças, parcerias, estimule o diálogo com a cultura popular, e procure formar intelectuais qualificados, atentos e amorosos para com a vida do povo.”

Carlos Rodrigues Brandão sobre o “Ser católico, nas dimensões brasileiras:”

“Apenas em anos muito recentes (pós Vat.II), verificou-se uma paulatina revalorização da idéia de “popular”, quando aplicada a um modo próprio de realização religiosa comunitária, que deixa de ser uma expressão arcaica, desfigurada e profanadoramente concorrente do trabalho legítimo da Igreja, e passa a ser uma modalidade que caracteriza, no fim das contas, a cultura, a fé e a identidade religiosa do “povo brasileiro”. (...) O catolicismo popular que a Igreja reconhece como forma variante de um modo oficialmente legítimo de “ser católico” passa a significar, como Igreja Popular, a transformação do próprio sentido e, portanto, da própria identidade da Igreja Católica, finalmente convertida, em intenção pelo menos, àqueles a quem um dia resolveu converter.”⁹

3. A fé a a mística do povo

Depois desta rápida exposição teórica tentarei, de maneira resumida, colocar algumas idéias que considero centrais do pensamento de Orlando Espin, expressas na sua obra “A fé do povo”. Creio que esta obra propõe um interessante diálogo entre teologia e antropologia e,

9 In. VIOLA, Sachs (et al). *Brasil & EUA: religião e identidade nacional* (1988) Graal: RJ. ps. 55s.



porque não, entre ciências da religião e ciências humanas e sociais. É uma obra que abre novos horizontes para a pesquisa científica e indica novos caminhos na direção da busca da sabedoria humana, da sabedoria que faz viver, que defende a vida e torna a sociedade mais respeitosa de sua pluralidade cultural e religiosa, democrática, solidária e justa. Antes que longas definições teóricas, Espin quer indicar-nos onde mora a sabedoria e como encontrá-la. É um caminho árduo e complexo, cheio de encruzilhadas mas também de possibilidades. É o caminho inverso da ciência tradicional e instrumental e da teologia dogmática e “oficial”. É o caminho do povo, que torna inseparáveis a fé e a vida, na busca da dignidade humana. Seguindo a partir de diversos pontos da cultura popular, estes caminhos, passando pela religião popular e pelo catolicismo popular, procuram um “centro”: é o lugar do *Sensus Fidei*. Creio que para podermos compreender a fé e a mística do povo precisamos considerar seis critérios:

3.1. A tentação de pensarmos a partir de polarizações

Não podemos partir de uma visão que coloca num lado o catolicismo oficial e no outro o catolicismo popular, como se fossem opostos. Assim como não podemos pensar a espiritualidade do Vaticano como superior ou oposta à do Contestado. É preciso evitar polarizações, pois estas já não mais respondem suficientemente à busca de um conhecimento mais profundo. É ser por demais reducionista pensar a fé e a mística do povo, a partir da concepção de que existissem apenas duas culturas: a dominante e a dominada ou a erudita e a popular. A superação dessa dicotomia passa pela compreensão de que, se existem apenas essas duas formas culturais, então *“a erudita terá que aprender muito com a popular: a consciência do grupo e a responsabilidade que advém dela, a referência constante à práxis e, afinal, a universalidade. E quem sabe nossa cultura ganhará o que perdeu: o trabalho manual, o cultivo da terra, a ligação religiosa com o todo”*¹⁰. Claro que, com isso, não estou sugerindo que se caia no outro extremo, naquele que acredita que o povo espontaneamente encontrará a verdade absoluta e infalível de seu destino e inevitavelmente alcançará em breve a sua libertação integral e total.

10 Ecléa Bosi, In. VALLE. Op. Cit. p. 30.



3.2. As intuições “cheias de fé”

No conceito de “intuições cheias de fé” do povo, Espin nos oferece uma grande novidade teórica e teológica. É o objeto do seu estudo e da sua interpretação da vida do povo, do catolicismo popular dos latinos dos EUA, com os quais ele faz a sua pesquisa empírica. Esta intuição é encontrada principalmente no plano experimental de toda a comunidade dos fiéis. Ele afirma que é esta intuição “cheia de fé” que faz o povo cristão real sentir que algo é ou não verdadeiro *vis-à-vis* ao evangelho, ou que alguém age ou não de acordo com o evangelho cristão, ou ainda, que algo importante para o cristianismo está ou não sendo ouvido. Esta intuição “cheia de fé” do povo, se origina do Espírito Santo e, sendo assim, ela é infalível. O povo tem uma profunda convicção que lhe faz conceber a verdade de maneira infalível: verdade é tudo aquilo que lhe ajuda ou faz viver, que dá forças para lutar contra tudo aquilo que mata ou estraga a vida em todas as suas formas ou dimensões: das águas, do ar, da terra, das florestas, e, especialmente dos(as) excluídos(as) e empobrecidos(as). Isso não significa que essa intuição possa ser encontrada em estado puro, já que a própria revelação divina sempre reserva para si algo “ainda não revelado”, subsiste o mistério, o escondido; assim mesmo ela pode ser entendida como infalível, porque é através dela que os verdadeiros leigos cristãos transmitem o conteúdo da Tradição e, assim, sentem quando a interpretação e a aplicação da Escritura Sagrada estão corretas e, então, a ela aderem intimamente, através de ações concretas.¹¹

3.3. O Catolicismo popular

Mais do que uma instituição, o catolicismo popular é feito de expressões de vida e de sentimentos. É uma maneira de “viver” o catolicismo, de encarar a vida, os problemas sociais e morais. O catolicismo popular é a “forma” que o cristianismo latino, duplamente derrotado na história, achou mais significativa para a afirmação e sobrevivência de sua identidade cultural e de sua herança e vida de fé. A “forma” que os derrotados acharam mais significativa para a afirmação e sobrevivência de sua identidade cultural enquanto povo. O catolicismo popular caracteriza-se como o empenho dos subalternos para explicar, justificar e, de algum modo, controlar uma realidade social que parece perigosa

11 ESPIN. Op. Cit. cf. ps. 120-125.



demais para ser enfrentada por outros meios além do simbólico. Isso não significa que o catolicismo popular seja, necessariamente, legitimador ou, então, transformador da realidade vigente. Ele seria ambos e muito mais. O catolicismo popular atua como importante preservador da dignidade e identidade do povo e como fiador de sua esperança de que a transformação da realidade ainda seja possível, ou seja, que a realidade presente não tem a última palavra.¹²

Embora se identifique mais explicitamente como católico, o catolicismo popular na sua longa tradição e autonomia foi-se ampliando no sentido de incorporar tradições de origem africana, indígena e, mais recentemente, também alguns aspectos de tradições religiosas orientais. Assim, esse catolicismo popular é uma espécie de “síntese religiosa” do povo que talvez fosse mais correto chamar de “religião popular”. Porém, a denominação “catolicismo popular” parece ter maior aceitação, talvez porque a grande maioria deste povo se denomina católico ou porque a matriz principal do mesmo, em termos de símbolos, ritos, tradições, doutrina, teologia e textos sagrados, seja a católica. O catolicismo popular é uma espécie de síntese de diversas tradições religiosas do povo, nascida do diálogo interreligioso, ou do encontro sincrético e inculcador destas tradições. O catolicismo popular traz as marcas de sua história, de suas raízes ibéricas e da conquista traumática de ameríndios e escravos africanos pelos cristãos. Ainda revela as expressões de desespero dos derrotados e de sua esperança por justiça. A sobrevivência desta religião popular aparece hoje como a linguagem duradoura de um povo subalterno. Religiosa em expressão, conteúdo e experiência, esta linguagem há muito é o código pelo qual esperança e coragem são compartilhadas e mantidas como plausíveis por gerações de latinos.¹³

3.4. A fé e a mística do povo

Espin nos oferece uma nova compreensão do “*Sensus Fidei*”, como verdadeiro “lugar teológico”, como fonte de intuições “cheias de fé”, de sabedoria de vida e de revelação divina. Insistir no catolicismo popular como fonte teológica é, não só ser fiel ao contexto pós-moderno contemporâneo, mas, ser fiel à própria história do cristianismo, especial-

12 ESPIN, Op. Cit. cf. ps 112 e 167.

13 ESPIN, Op. Cit. cf. p. 174.



mente nas suas origens.¹⁴ Se é possível uma teologia, se há uma revelação divina e uma verdade universais, elas só podem estar entre aqueles que, historicamente, tiveram a significância de suas vidas negada. Deus, “ao se revelar aos pobres, estende seu amor a todos”, até mesmo aos “negadores da vida”. Foram poucas as revoluções que optaram radicalmente por dar fim à vida dos opressores. “*Deus não quer a morte do pecador mas que ele se converta e viva*” (Ez 18,23). Neste sentido pode-se pensar em uma verdade e uma teologia “universal”. Essa universalidade da teologia do *Sensus Fidei* só pode ser entendida na medida em que se compreenda que a cultura popular inclui ou incorpora, no seu interior, as outras formas de cultura. Analogicamente, também o catolicismo popular passa a ser aquele que, “filtrando” o que recebe, respeita e aceita no seu interior também as outras formas de religiosidade. Ou seja, na medida em que alguém considera, valoriza, promove, incentiva, participa e mesmo estuda com respeito a cultura popular, essa pessoa estará também contribuindo para a emancipação ou a “elevação” da cultura humana como um todo. E assim, estará contribuindo para a construção de um mundo sem exclusões, onde todos sejam incluídos, onde caibam muitos mundos em nosso mundo. E esses mundos se complementem, se respeitem, se façam solidários e aprendentes uns com os outros.

No meio de tanta perseguição, repressão, dominação, conquistas, o que sobreviveu no seio do catolicismo popular merece respeito e consideração. Se sobreviveu é porque deve ter um profundo significado para a vida ou a sobrevivência do povo. A cultura popular é dinâmica. Ela vai filtrando, eliminando do seu seio ou jogando para o esquecimento aquilo que considera insignificante, desnecessário, desprezível.

3.5. A teologia e a espiritualidade do *Sensus Fidei*

A teologia do *Sensus Fidei* sobreviveu através dos tempos, fundamentada especialmente numa mística ou numa espiritualidade do sofrimento, que é fundamentalmente a espiritualidade do Jesus crucificado. Jesus crucificado é o Deus dos derrotados. Os fracassados da história se identificam com o Jesus fracassado. Com Jesus que foi vítima dos que detinham poderes. Esta identificação gera solidariedade e compaixão. O Cristo ressuscitado foi, historicamente, manipulado como sendo o Deus triunfal dos vencedores, dos conquistadores... Assim mesmo, a

14 ESPIN. Op. Cit. p. 21.



crença na ressurreição transforma esta história de fracasso em promessa e esperança de vitória. Nessa espiritualidade do sofrimento, Deus é visto como aquele que, por um lado, permite o sofrimento e leva os sofredores a aprenderem a lidar com a dor, a não desesperar, a aguentar enquanto for possível, a esperar contra toda a esperança e, por outro lado, esse mesmo Deus é aquele que, sendo misericordioso, perdoa os nossos pecados e assim nos anima a não aceitar o sofrimento, a lutar contra todo o tipo de sofrimento, opressão e agressão à vida humana e também à vida em geral.¹⁵ O sofrimento só tem sentido quando se concebe Deus como misericordioso!

A espiritualidade se expressa de diferentes maneiras. No catolicismo popular há uma riqueza de símbolos e ritos que apresentam um Deus paternal e maternal, familiar, encorajador, solidário, comunitário, altruísta com relação às vítimas, próximo, zeloso, compassivo..., e não um Deus poderoso, conquistador, violento. Jesus, sendo vítima, não poderia estar separado e distante das vítimas. A morte de Jesus não foi a última palavra; assim também na fé do povo a realidade vigente não tem a última palavra. A sua ressurreição é fonte de esperança e por isso o catolicismo popular é também festivo. Festeja antecipando simbolicamente o Reino de Deus que espera e para lá se dirige. Essa espiritualidade é vivida especialmente de maneira comunitária e familiar. É uma espiritualidade onde se integram teologia, espiritualidade e ação social; onde razão, contemplação, emoção e práxis transformadora estão intimamente ligadas.

No catolicismo popular estão contidos séculos da mais crucial reflexão cristã sobre o evangelho e a vida. Portanto, depreciar a fé e a cultura de um povo não é simples erro teórico; no fundo, é uma forma de genocídio. Destruir a fé, ridicularizar as crenças, menosprezar a mística é destruir a vida, muitas vidas. Sempre que se ignora ou despreza o catolicismo popular, é a Palavra de Deus que é ocultada, silenciada e tornada impronunciável. A fé em Deus é a superação do darwinismo socioeconômico e niilismo epistemológico das ciências, porque dela deriva a opção pelos pobres e a crença na bondade essencial da vida. Nela o povo encontra forças para lutar pela sobrevivência, para resistir às mais diferentes formas de opressão e para criar alternativas de vida e

15 ESPIN, Op. Cit. cf. ps. 121; 132-135; 261-264.



de inclusão. A espiritualidade do povo é prenhe de sabedoria e esperança. A partir dela, o povo aprende a lidar com o sofrimento e lutar para eliminá-lo, a dar um sentido às suas vidas e a se organizar em comunidades e grupos, formando redes de solidariedade.

Conclusão

É preciso proceder com muita cautela ao proferir juízos de valor sobre a cultura popular em geral e a religião popular em particular. A recomendação evangélica tem aqui todo o seu valor: não apagar a centelha que ainda conserva o fogo. *“Só uma escuta paciente e cheia de respeito nos poderá revelar o que o Espírito revela à sua Igreja pela boca dos pobres.”*¹⁶ O povo não pensa apenas “sociologicamente”. Ele pensa a vida integrando as suas várias dimensões: social, espiritual, emocional, humana, política, poética e estética. Assim, podemos concluir que a cultura popular é a que procura englobar os valores dos que trabalham, o interesse verdadeiro pelo outro, a maneira direta de falar, o sentido concreto e a largueza em relação ao futuro, uma confiante adesão à humanidade que virá, a não redução do tempo ao contábil que exprime o predomínio do econômico sobre todas as formas de pensamento. Cultura popular é a contemplação do transcendente que se revela através do Evangelho, e da fé na vida ou da vida na fé, que leva o povo às intuições cheias de fé, e à sabedoria de que a realidade vigente não tem a última palavra, mas, se existe uma última palavra, ela estará sempre na casa da esperança.

Mesmo não tendo apontado, neste artigo, para o papel do intelectual, do pesquisador, do teólogo ou do cientista das religiões, creio que os que estão acostumados a escrever livros a partir de outros livros, a escrever para o povo sem o povo, a refletir sobre a cultura e a religião sem colocar as mãos na massa e sem participar efetivamente desse mundo, se sentiram questionados e impelidos a prestarem mais atenção às coisas do povo, especialmente à sua espiritualidade e ao seu cotidiano. É sensibilizando-se por ele e buscando aprender com ele a ver, a ouvir, a falar e especialmente a sentir as batidas do seu coração, que então, o(a) intelectual poderá sentir-se incluído(a) entre aqueles e aquelas que são portadores(as) das intuições cheias de fé e, por isso, da sabedoria-que-faz-viver.

16 HOORNAERT, E. Op. Cit. p. 99 e 123s.



O *Sensus Fidei* está ganhando, aos poucos, um status de “centro privilegiado da revelação divina”, mas ainda precisa passar para o centro da discussão teológica-acadêmica, como verdadeiro lugar teológico. A vivência de séculos da mais crucial reflexão cristã sobre o evangelho e a vida estão contidos no *Sensus Fidei*. E esta é a forma, encontrada pelos latinos, de encarar o mundo e a vida. É também o meio pelo qual a grande maioria dos católicos latinos são católicos. Eles revelam a fé da Igreja conforme esta Igreja existe e como sobreviveu através dos tempos. Tão profundas são suas raízes que fé e vida tornam-se quase indistinguíveis: crer em Deus é crer na vida (na bondade da vida) e vice-versa. A religião popular insiste na solidariedade e na compaixão de Deus e enfatiza a realidade da encarnação do Filho e sua verdadeira humanidade. O catolicismo popular espera que a afeição e a solicitude de Deus sejam maternais e envolventes. Vê o cristianismo como “familiar” e salienta a justiça, a liberdade e a igualdade como parte do plano divino para a humanidade.

Referências bibliográficas

- BRITO, Ênio J. da Costa. *Cultura popular: memória e perspectiva*. Art. publicado pela revista Três Ds – dogma, direito, diálogo – Espaços (1996 – 4/2). SP: ITESP.
- VIOLA, Sachs (et al). (1988) *Brasil & EUA: Religião e identidade nacional*. RJ: Graal.
- DUSSEL, Enrique. (1997) *Oito ensaios sobre a cultura Latino-Americana e libertação*. SP: Paulinas.
- ESPIN, Orlando O. (2000) *A fé do povo. Reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. SP: Paulinas.
- HOORNAERT, Eduardo. (1978) *Formação do catolicismo brasileiro 1500-1800*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1995) *História da Igreja na América Latina e no Caribe, 1945-1995 – Debate Metodológico*. Petrópolis: Cehila-SP/Vozes.
- VALLE, Edênio & QUEIRÓS, José J. (1979) *A cultura do povo*. SP, Cortez & Moraes: EDUC. Coleção do Instituto de Estudos Especiais, PUCSP; n.1.



- GEERTZ, Clifford. (1989) *A interpretação das culturas*. RJ: LTC.
- ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada. Ensaios de cultura popular e religião*. (1980) RJ: Paz e Terra.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta* (1985) SP: Brasiliense.

Endereço do Autor:

Rua João Cândio dos Santos, 280
Pantanal
88040-300 – Florianópolis – SC
E-mail: pegilberto@ig.com.br